

Zimbabwe

.....
NO MOMENTO CERTO PARA
DESCOBRIR UM PAÍS EM PLENO
CORAÇÃO DE ÁFRICA

As reminiscências dispersas da viagem ao Zimbabwe fundem-se num único sentimento, como algo vasto, sem peso nem melancolia, num afeto imenso cristalizado no tempo...

Texto e Fotos Maria João Castro





A antiga Rodésia tornou-se independente do jugo britânico em 1980, altura em que Robert Mugabe deu início a uma liderança que duraria até há uns meses atrás. O presente governo em funções não tardou a ver o potencial turístico do país, dando início a um novo tempo que pretende colocar o Zimbabwe na rota dos destinos de eleição a nível internacional. Na verdade, os recursos turísticos do país surpreendem pela diversidade e qualidade: os parques naturais são de uma riqueza de fauna e flora extraordinárias, os lugares declarados Património Mundial multiplicam-se e surpreendem, tendo nas Cataratas de Vitória a cereja no topo do bolo.

Concorrendo com destinos implantados há muito no ideário turístico mundial (como o Quénia, Tanzânia, Botswana, Namíbia ou África do Sul), o Zimbabwe oferece os mesmos spotlights turísticos que os seus vizinhos só que com uma particularidade importante: a massificação ainda não chegou a esta parte da antiga Rodésia e isso faz toda a diferença.

A jornada inicia-se no lago Kariba, a bordo de uma casa-barco que promete introduzir-nos num mundo quase

intocado, antigo território do povo Tonga que, nos finais de 1950, foi obrigado a deslocar-se para outras paragens para dar lugar a um dos maiores lagos artificiais de África. Situado sobre o rio Zambese e fazendo fronteira entre a Zâmbia e o Zimbabwe, o Kariba tem 220 km de comprimento por 40 km de largura e encontra-se rodeado por uma costa selvagem e pouco habitada que convida à descoberta ao ritmo da pequena ondulação do cruzeiro. As horas fluem na lenta cadência do motor da embarcação, fazendo deslizar a paisagem aquática onde frequentemente se distinguem crocodilos e hipopótamos e, nos recortes de terra forrada a arbustos, elefantes, impalas, tartarugas, babuínos e águias, entre outros habitantes permanentes do Parque Nacional de Matusadona. Ao fundo, a moldura do cenário recorta-se de montanhas por onde se insinuam tempestades que dramatizam a paisagem evidenciando a força da natureza. Na noite profunda, a visão dos clarões da trovoadas a rasgar o céu desta África negra é o último fotograma que a memória guarda antes que o sono vença o cansaço de mais um dia cheio.



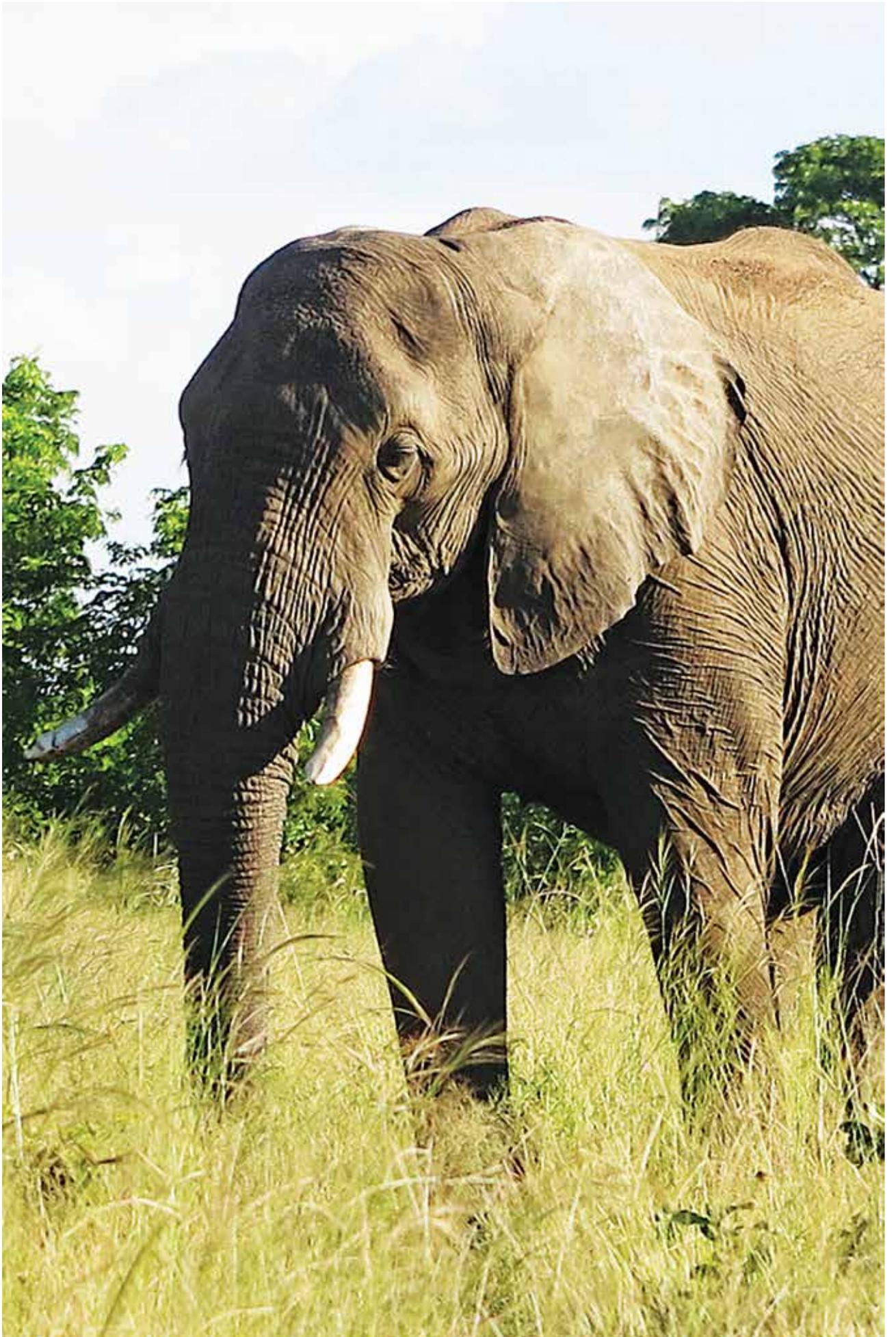
Concorrendo com destinos implantados há muito no ideário turístico mundial (como o Quénia, Tanzânia, Botswana, Namíbia ou África do Sul), o Zimbabwe oferece os mesmos spotlights turísticos que os seus vizinhos só que com uma particularidade importante: a massificação ainda não chegou a esta parte da antiga Rodésia e isso faz toda a diferença.

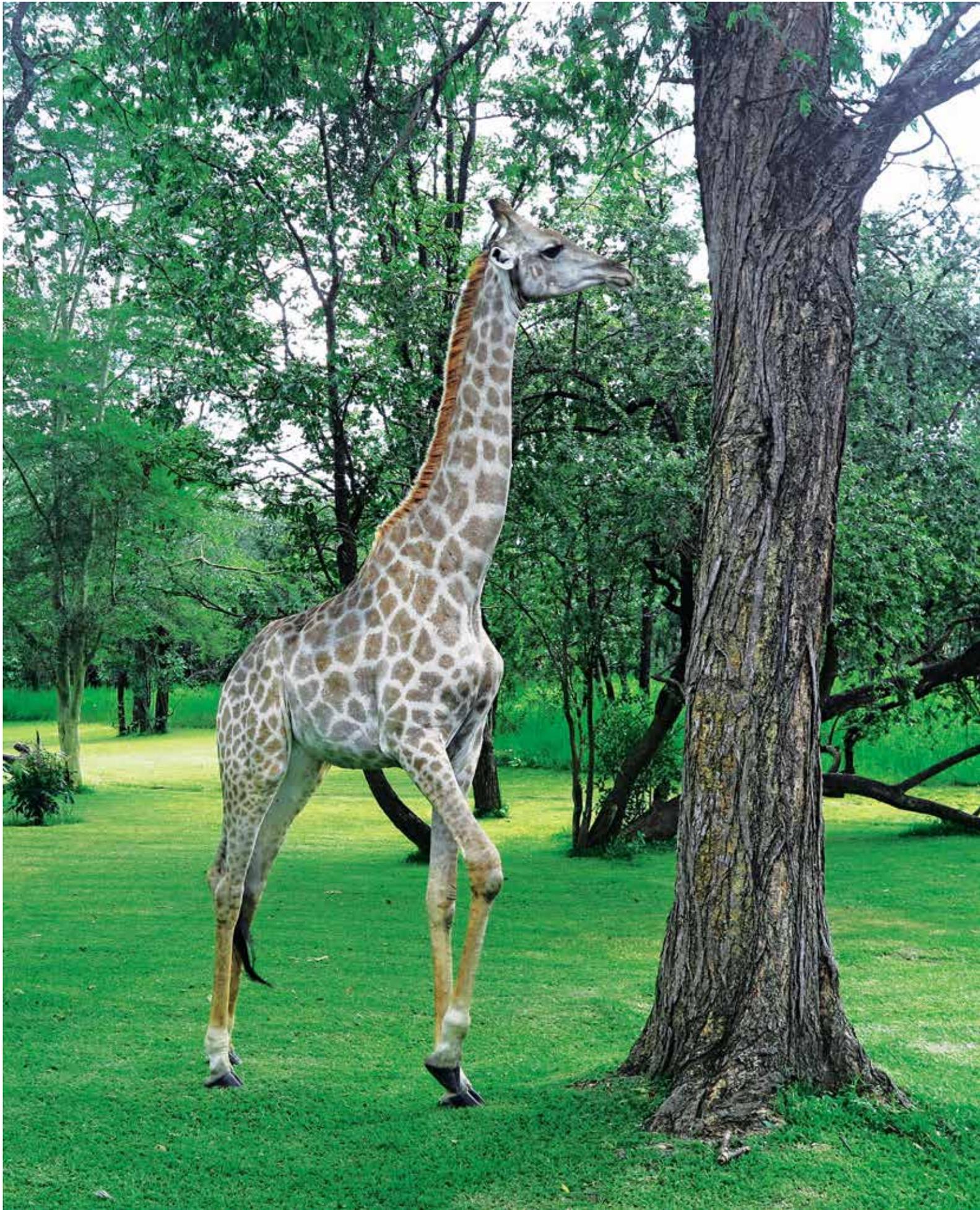
A aurora mancha o horizonte de um vermelho incandescente que se revela de uma beleza indizível. Pontilhando as águas do Kariba, velhos troncos de árvore semi submersos são espectros petrificados de um quadro abstrato de um pintor demiurgo. Com o passar das horas, o fulgor da cúpula celeste ameaça esmagar tudo à sua volta. Densa e escura, ela filtra alguns raios do sol nascente que incidem sobre pedaços da vegetação em terra abrindo clareiras de luz. Há uma mística e um feitiço nesta paisagem natural que se cola à pele perfumando-a. Magnífica e pujante na sua simplicidade primordial, esta África primitiva ameaça perdurar como uma tatuagem perene. No convés da ponte há o sossego necessário para colocar a leitura em dia ainda que por pouco tempo pois a sonolência provocada pelo embalar da viagem marítima não tarda a fechar as pálpebras ao mesmo tempo que uma bruma aquosa inunda a paisagem desfocando os contornos.

O poente empresta à água um brilho metálico. É tempo de mudar de rota e abandonar a houseboat na direção de Manapools, o parque Património Mundial Natural da Humanidade que fica entre a zona do lago Kariba e Moçambique. Nos seus mais de 20 000 km², estas terras protegidas que constituem uma das joias do Zimbábue mostram uma vida selvagem prolifera e de uma diversidade difícil de igual.

O Great Zimbabwe define-se a partir de um complexo de amuralhados de pedra considerado o monumento nacional que deu o nome ao país. Inscrito pela UNESCO como Património Mundial guarda ruínas do século XIII, XIV e XV desconhecendo-se as razões porque foi esta cidade abandonada, depois de ter sido ampliada e reconstruída ao longo de várias







centúrias.

As Eastern Highlands ou Terras Altas Orientais são formadas por um campo ondulado de plantações de chá da cordilheira de Nyanga; pelos picos de granito das Montanhas Chimanimani; e pelos prados verdes e os cafezais da serra de Bvumba. A área, escassamente povoada e tranquila esconde lodges que premeiam o conforto e a quietude abrindo-se em vistas cénicas de cortar a respiração. As Terras Altas são ainda território de forte cunho colonial tendo implantado na sua área o Hotel Rhodes-Nyanga e o Museu de Rhodes, ambas antigas propriedades privadas de Cecil John Rhodes, colonizador britânico e personagem essencial no ideário da antiga Rodésia, parte integrante do império britânico.

Antes da próxima etapa, o Parque Nacional de Hwange, uma breve paragem no sítio onde vivem os mais chegados do anfitrião Cesar mostra a importância dos laços familiares que, num breve encontro, deixa os olhos brilhantes perante a afabilidade de quem nos recebe no seu mundo simples e de

sorrisos genuínos.

Já no Hwange, o safari acontece para além do expectável. Pouco mais de uma dezena de quilómetros após a entrada no parque surge, à beira de um charco, uma manada de mais de 50 elefantes. Ao longo do par de dias da estada, o filme em *passant* mostraria impalas, zebras, girafas, hienas, tartarugas, chitas, hipopótamos, pelicanos, chacais, kundus, avestruzes, babuínos, leões e leões, chitas e gnus numa diversidade e abundância difícil de igualar.

A madrugada varre as estrelas do céu dando lugar a uma claridade diáfana. É altura de rumarmos ao Parque Nacional de Matobo, via Bulawayo, a segunda maior cidade e ex-libris da arquitetura colonial no país.

Em Matobo, e tendo como companhia um guia experiente e um guarda armado, fazemos um Walking Safari no mato até ao lugar onde descansa uma família de rinocerontes brancos, uma das poucas sobreviventes ao genocídio dos caçadores furtivos que, a troco de uns míseros dólares, se vendem aos





interesses insanos de um oriente longínquo. Numa experiência irrepetível observamos estes imponentes animais no seu habitat natural a apenas 4 metros de distância, desfrutando do seu olhar atento mas sereno.

Após o almoço as horas seguintes são reservadas a uma visita à gruta de Nsvatuke também ela Património Mundial. Abrindo-se no final de uma ravina íngreme esconde fabulosos frisos de girafas, elefantes, antílopes, leopardos e kudus, bem como uma linha de figuras agachadas, outras carregando armas e ainda caçadores correndo. Comum a todas elas é o domínio artístico e a viva atenção aos pormenores: os autores de tal maravilha foram os bosquímanos, ancestrais caçadores-coletores obrigados a retirar-se para as terras mais marginais do noroeste do Botswana e do Kalahari, com a chegada de pastores vindos de outras regiões.

A tarde anuncia-se no seu zénite quando somos convidados para assistir a um sunset onde jaz o túmulo de Cecil Rhodes, colonizador britânico que repousa sobre as colinas de Matobo, Património Mundial. Com uma taça de vinho branco na mão, testemunhamos a luminosidade tingida a ouro-velho que vai submergindo as pedras redondas guardiãs da última morada de Rhodes num momento mágico. À medida que se absorve a atmosfera do lugar, ouve-se o pio de uma ave de rapina longínqua ao mesmo tempo que o sol se afunda no horizonte dando lugar à noite que tudo cobre de silêncio e quietude na imutabilidade do tempo.

A viagem encerra-se em Harare com um passeio pelo centro urbano num domingo de manhã, e quando as ruas se encontram desertas e as lojas fechadas. E é esse remanso citadino que faz realçar os cânticos religiosos saídos das igrejas da capital,

mostrando a devoção e a fé do povo africano.

Um país-anfitrião por excelência

Na verdade, o potencial turístico do Zimbabwe é enorme. Possui lodges e camps ao mais alto nível e que vão do super exclusivo ao mais comum (mas nem por isso menos carismático). Comum a todos é a envolvimento por uma fauna e flora riquíssimas e, acima de tudo, pela garantia de que o visitante é acolhido de braços abertos, por profissionais que garantem uma segurança e um profissionalismo notáveis num destino de viagem ainda pouco explorado. É, portanto, este o momento certo para descobrir um novo país em pleno coração de África. ●

COMO IR:



COM O APOIO DE:

